



# Um lar do outro lado do mundo

Faz este mês dez anos que Macau passou para a soberania chinesa, mas a herança portuguesa é forte e muito visível nos nomes das ruas, na justiça, nas estátuas de Camões, na gastronomia, na tradição do Natal. É como estar em casa.

TEXTO ANA PAGO FOTOGRAFIA DIANA QUINTELA

**DEZ ANOS** é a idade de uma criança quando termina a escola primária e são todos os anos que já tem a criação e consolidação da Região Administrativa Especial de Macau após a transição, em 1999, para a República Popular da China. Mas quando se sente o cheiro dos pastéis de nata na rua, quando se visita a campa de Camilo Pessanha no Cemitério de São Miguel Arcanjo ou se caminha pela Avenida Sãn Má Lô, no centro da cidade, sabendo que também se chama Almeida Ribeiro, a derradeira sensação é de reconhecimento: a presença portuguesa ainda é forte, mistura-se harmoniosamente com a cultura chinesa. Macau só podia ser aquela terra tolerante que se prepara agora para instalar as iluminações de Natal e os presépios nas ruas quando a maioria da população nem sequer é cristã. «Macau é hoje uma sociedade cada vez mais aberta e tolerante, com um sentido de pertencimento

nacional sedimentado na cultura da nossa população e dotada de uma visão internacional», afirmou o (ainda) líder do governo do território desde há uma década, Edmund Ho, num dos últimos discursos de balanço na Assembleia Legislativa antes de abandonar o cargo de chefe do executivo – que Fernando Chui Sai On assume, a partir de 20 de Dezembro, para os próximos cinco anos.

O acordo pós-transição visando o lançamento do concurso para as licenças de jogo chamou multidões ao território, fomentou a abertura ao exterior e modernizou hotéis, casinos e infra-estruturas. E é verdade que mal se ouve falar português nas ruas, fora da administração a língua é pouco utilizada e são poucas as pessoas que nas lojas, nos mercados e nos transportes a entendem. Ainda assim, sublinha Amélia António, responsável pela Casa de Portugal em Ma-

cau, «nunca se aprendeu tanto português no território como actualmente».

**QUANDO** os portugueses chegaram a Macau, entre 1554 e 1557, capitaneados por Jorge Álvares (a estátua do explorador luso ergue-se hoje, bem firme, no centro da cidade), não podiam imaginar que teriam o apoio dos mandarins locais para se estabelecerem e transformarem a península num eferescente entreposto comercial entre a China, o Japão e a Europa. Juntos conquistaram terreno ao rio das Pérolas, ajudaram a arrear os invasores (sobretudo holandeses) que insistiam em conquistar a região, estenderam a sua influência da península às ilhas da Taipá e de Coloane – também pertencentes à Região Administrativa Especial de Macau e ligadas entre si, por terra, por meio do istmo de Cotai, ele próprio numa explosão de crescimento.